

# MEDIAÇÃO CULTURAL

## AÇÃO EDUCATIVA PARA COMPREENSÃO DAS IMAGENS CRIADAS COMO NOVOS CÓDIGOS VISUAIS PELA MÍDIA PÓS- MODERNA

*Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira  
Silvia Sell Duarte Pillotto*

*Reflexão sobre a mediação cultural como ação educativa necessária ao diálogo do público com as imagens criadas como novos códigos visuais pela mídia pós-moderna – uma educação ativa no conhecimento em arte, visando à compreensão das identidades globais e à consciência de cidadania. [Abstract on page 247]*

**CÓDIGOS VISUAIS MEDIAÇÃO CULTURAL, MÍDIA PÓS-MODERNA.**

OLIVEIRA, Maria Bernadete Garcia Baran de e PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Mediação cultural: ação educativa para compreensão das imagens criadas como novos códigos visuais pela mídia pós-moderna. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 233-241, mai. 2010.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é propor uma reflexão sobre a mediação cultural como ação educativa de grande importância e necessária no diálogo do público com as imagens criadas e utilizadas como novos códigos visuais de consumo pela mídia pós-moderna, visando à compreensão dos reais significados das identidades globais e à consciência de cidadania através do conhecimento em arte. Nesse sentido destaco a contribuição de pesquisadores e teóricos em diversos campos do conhecimento, como os estudos culturais, as artes, a educação, a ética e a história, estabelecendo assim relação entre a linha de pesquisa Patrimônio e Memória Social, do curso de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, e os estudos aqui apresentados. Entender o comportamento de crianças e adolescentes nos ambientes de convívio social e principalmente no espaço escolar é preocupação constante de educadores, pais e pesquisadores das áreas de humanas.

Segundo Hernández (2007), no mundo em que atualmente vivemos “os limites do saber estão deixando de existir; as identidades são fragmentadas pela pluralidade de contatos”. Trata-se de um mundo ambíguo, com diversas culturas interagindo em grande velocidade.

O conceito de cultura pode aqui ser ampliado como um conjunto de práticas disseminadas que exercem grande influência na existência social. Estas práticas são organizadas por “textos, imagens, conversas, códigos de comportamento e (...) estruturas narrativas” (DENZIN e LINCOLN, 2006: 316). Os novos meios de comunicação provocaram modificação nos intercâmbios sociais; a convivência de pessoas agregadas nos diversos ambientes muitas vezes gera conflitos nas relações socioculturais. “A mídia se transformou, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora e, portanto, uma substituta de outras interações coletivas” (CANCLINI, 2008: 289).

As preocupações referentes à educação são constantes, especialmente com relação à recepção passiva das imagens pelo público e à falta de repertório do espectador/leitor. Conforme Favaretto (2007: 33), “tradicionalmente, nós não tínhamos uma educação visual no país; até há pouco tempo nossa educação sentimental e da sensibilidade passava quase que exclusivamente pela literatura”. Assim, configura-se o não entendimento na relação do público com as imagens das mídias contemporâneas e também com a Arte, prevalecendo a interpretação e a interação sob o domínio de “pequena minoria”. Com a ausência da educação estética, do envolvimento e de encantamento que propicie o relacionamento com a arte e a interação com seus significados mais amplos, torna-se bastante difícil o diálogo do público com as imagens. Em substituição, encontramos as imagens virtuais, utilizadas por crianças e adolescentes na sociedade contemporânea.

## A MÍDIA PÓS-MODERNA E A RECEPÇÃO PASSIVA DAS IMAGENS

O abuso, nos meios de comunicação, das mídias interativas, as inversões de valores, os excessos medíocres dos estímulos podem culminar em inferioridade senso-

rial, apatia dos sentidos, pois nos habituam com “a feiúra, a banalidade, o excêntrico, o disforme, o medíocre, o repetitivo, o insípido, o sem estilo (...) mais do que o efeito de ignorâncias acumuladas ou de uma incultura generosamente compartilhada” (FORQUIN, 1986: 27). Em nosso cotidiano, esses fatos são naturalmente aceitos, até mesmo corriqueiros, gerando essa ruptura participativa das tradições e das identidades culturais. É grande a preocupação de muitos teóricos com essa alienação, que tem início já na infância, pois,

as imagens na cultura cotidiana, na TV, em revistas e jornais, criam um impacto direto sobre as crianças: acabam construindo a visão da realidade delas, formando valores e crenças, e isso pode não deixar espaço psicológico para deseñar e pintar, ou mesmo espaço para imagens de qualquer tipo de cultura tradicional. As crianças de hoje estão aprendendo novos códigos visuais, mas, ao mesmo tempo, elas estão cercadas de imagens do cotidiano que criam visões virtuais de uma vida boa, baseada no consumo. Elas vão precisar aprender de que maneira determinar se essa mídia representa ou não a realidade, bem como se está-se-lhes dizendo a verdade (EFLAND, 2005: 182).

Uma sociedade fragmentada e ambígua é perceptível pelas concepções éticas, bem como pelas regras sociais e sua maneira de viver. Schweitzer, preocupado, adverte para uma “crise iminente da cultura ocidental (...) estamos num processo de autodestruição cultural” (apud FROMM, 1987: 158). Essa desestabilização social e cultural foi também evidenciada por Hall (2006) quando menciona “a crise de identidade” por que o mundo está passando, pois “as velhas identidades (...) estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2006: 7).

Um dos principais agentes de transformação e ruptura está focado na velocidade dos meios de comunicação e sua abrangência: “áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (GIDDENS apud HALL, 2006: 15). Com isso ocorre a homogeneização da cultura, transformando a cultura nacional, com suas diversas características regionais, em “cultura global”, como sinalizam Denzin e Lincoln (2006: 323):

as novas tecnologias das comunicações estão possibilitando que mais pessoas recebam e comparem representações locais, regionais, nacionais e “globais” divergentes de sua própria vida e da vida dos outros – e que, às vezes, discordem do que veem. No entanto, isso não requer uma progressão mais ou menos regular em direção à plenitude universal da “cultura global”.

Sobre a atual realidade social e cultural em sua composição, o único resultado será o de uma grande crise, conforme Schweitzer adverte “uma catástrofe, da qual só um novo Renascimento irá renovar-nos (...) Estou certo em minha fé de que esta revolução ocorrerá se decidirmos tornarmo-nos seres humanos pensantes” (apud FROMM, 1987: 159). A humanização do homem, a partir de uma sensibilização cultural, social e intelectual, só é possível com a ampliação de seu repertório, por meio da construção de conhecimentos acerca do sentido e/ou significado.

Novas disciplinas como os estudos das culturas, os meios sociais e a cultura visual podem possibilitar nova visão e compreensão das dificuldades, aspectos

que vinham sendo silenciados na escola, como a relação entre as pessoas e a formação de novas identidades (relações com a internet, grupos musicais, novos valores estéticos de relação com a realidade). São relações não muito valorizadas pelos professores, administradores e pelas políticas educacionais – que as tratam como anedóticas deixando-as fora dos currículos como temas transversais. No entanto são significativas para os jovens que as assumem como novas representações, constituindo a partir delas suas identidades (HERNÁNDEZ, 2007).

Hernández (2007) destaca a necessidade de “um replanejamento radical do sistema educativo” porque a escola, com o ensino formal sistematizado, não proporciona educação integral com real significado para a vida do educando. A educação escolar atual para o autor “deve propiciar a possibilidade de apropriação de outros saberes que permitam interpretar e explorar a realidade”, pois, no mercado de consumo global de objetos, imagens e modo de vida que geram novas significações, “o visual passou a ser muito valorizado, levando os indivíduos e as nações a agirem de acordo com os valores cada vez mais informados, conjugados e refratados pelas imagens”. Com sua interação, os meios de comunicação possibilitam, para os menos esclarecidos, imensa gama de sentidos e significados do modo de viver. Essa diversidade do modo de viver não está demarcada geograficamente, porque hoje os limites geográficos não mais existem – as mídias, através de *sites*, *games*, hipertextos, telenovelas, filmes, seriados e outros, tornam a convivência social fragilizada e fragmentada.

## A EDUCAÇÃO E OS CÓDIGOS VISUAIS

No ensino formal está ocorrendo um “empobrecimento da experiência não só de professores, mas do próprio indivíduo, que (...) não se reconhece mais como sujeito da história, imerso na cultura, criado por ela e também criador de cultura” (CARVALHO, 2005: 133). Essa contradição está no modo de vida, nos valores éticos, na identidade cultural, na interação social e em outros aspectos.

a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2006: 74).

Para Hall (2006) o ser humano, principalmente crianças e adolescentes, está despreparado, pois sofre constante exposição de “influências externas” de “infiltração cultural” que enfraquece seu relacionamento socioeducacional.

Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identidades “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais (...) a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de *todas* as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural (HALL, 2006: 73-74).

Atualmente existe uma linha divisória entre a educação e a realidade social, tornando o ensino limitado, uma forma de alienar e “adestrar as pessoas a terem conhecimento como uma posse” (FROMM, 1987: 57). A educação formal desabilita por afastamento, pois proporciona os conteúdos de forma compartimentada, isolados do meio sociocultural, seguindo padrões estabelecidos pela academia (como método certo a ser seguido), uma aglomeração de conteúdos sem relação alguma, excluindo-se da construção de novas propostas educacionais mais interativas e participativas. Essas limitações que as instituições de ensino proporcionam são visíveis e sentidas na maioria dos ambientes de convivência, como família, escola, rua e outros, resultando conseqüentemente em diminuição da qualidade de vida não só dos estudantes, mas de toda a humanidade. Nessa perspectiva, adverte Forquin (1986: 26),

são os níveis sociais da percepção e da memória, os valores morais, os critérios estéticos, os polos da afetividade, os pontos fixos da vida individual e familiar, os conceitos absolutos da consciência religiosa, as categorias do pensamento intelectual que se dissolvem e se esvaem como fumaça, deixando os indivíduos separados, soltos, súditos de uma liberdade que eles não reconhecem.

A preocupação de Forquin é compartilhada por Barber e está relacionada à exposição excessiva das pessoas a “palavras e imagens, sons e gostos que fazem o domínio ideacional/afetivo pelo qual nosso mundo físico das coisas materiais é interpretado, controlado e dirigido” (BARBER apud EFLAND, 2005: 181). Em nossa sociedade contemporânea a globalização de informações e conhecimento ocorre de maneira virtual e especialmente visual, resultando em um mercado cultural internacional, que gera a alienação do ser humano das culturas tradicionais, definidos por Barber (apud EFLAND, 2005: 181) como serviços e indústrias *soft*<sup>1</sup>– que sinalizam o fato de que um “setor de bens de consumo é conquistado pelo *infotainment telesector*, (telessetor de infotretenimento) cujo objetivo é nada mais nada menos que (capturar) a alma humana”, direcionados para a fragmentação e a destruição da mente do indivíduo (BARBER apud EFLAN. 2005: 181). Alienar, romper, desintegrar não são meras palavras que ouvimos hoje; elas representam o modo de vida imposto pela globalização, pois a falta de consciência é característica da sociedade pós-moderna, que privilegia e compartilha a ambigüidade sociocultural. Essa ambigüidade,

enraizada na questão racial, guarda o triste prospecto de uma retribalização de grande parte da humanidade por meio da guerra e do derramamento de sangue: uma ameaça de “balcanização” às nações nas quais culturas são lançadas contra culturas, pessoas contra pessoas, tribo contra tribo, uma *jihad* em nome de umas cento e tantas crenças limitadas, concebidas contra todo tipo de independência, todo tipo de cooperação social e reciprocidade: contra a tecnologia, contra a cultura popular e contra mercados integrados; contra a modernidade em si mesma, como igualmente contra o futuro sobre o qual a modernidade fala (BARBER apud EFLAND, 2005: 180).

*1 Expressão de Barber para corporação virtual sem local fixo, como informação, comunicação e diversão. São esses serviços que têm forjado o mundo “Mac”.*

Barber traz também outro conjunto, denominado mundo “Mac”, oposto ao anterior, pois visualiza

um retrato do avanço das forças econômicas, tecnológicas e ecológicas, que forçam uma integração e uniformidade, hipnotizando as pessoas em todos os lugares com música rápida, computadores rápidos e comida rápida – MTV, Macintosh e Mac Donald’s – pressionando as nações a virarem um mesmo e homogêneo parque temático, um mundo “Mac” amarrado pela comunicação, informação, diversão e pelo comércio. Preso entre a Babel e a Disneylândia, o planeta está se desfazendo rapidamente e ao mesmo tempo relutantemente se recompondo (BARBER apud EFLAND, 2005: 180).

A *jihad* e o mundo “Mac” são sequências que podem até conviver num só espaço geográfico e compartilhar atividades diárias, mas o autor antevê intenções negativas caso ocorra o domínio de um desses dois mundos. Esclarece que esses domínios devem ser provocados e combatidos por meio de educação mais ativa ou ocorrerá redução “da diversidade cultural do mundo a um vazio monolítico (...) Ambas as tendências têm ultimamente trabalhado para encurtar a liberdade individual” (EFLAND, 2005: 184), resultando em um mundo povoado de pessoas vazias e robotizadas, pois “aqueles que governam o mundo “Mac” preferem que os seus clientes não pensem, apenas se divirtam sem questionar o sistema” (EFLAND, 2005: 184). A supremacia do mundo “Mac” só será inibida e/ou combatida quando houver contestações, e essas só ocorrerão quando “uma pedagogia de resistência e transformação” (MCLAREN apud EFLAND, 2005: 184) for implementada no sistema educacional.

A ausência de mediação cultural resulta em dificuldades para o educando, que depende sempre de terceiros para sentir-se seguro nas interpretações de imagens das mídias, das artes. “Na verdade, [porém,] esse indivíduo tem habilidades, mas não consegue usá-las, a não ser em situações muito semelhantes àquelas que já vivenciou” (SOUZA et al., 2004: 63-64).

## MEDIAÇÃO CULTURAL, UMA EDUCAÇÃO ATIVA

Há consenso entre os teóricos sobre a importância e a urgência do comprometimento das instituições educativas com a cultura e o gerenciamento de vida. É fundamental que desde a infância sejam restabelecidas a cultura e a ética na sociedade. A mediação cultural pode contribuir nesse processo de inclusão de novos conhecimentos, promovendo a produção de sentido e da liberdade individual. Cabe à escola aproximar-se dos lugares em que as crianças e os adolescentes estão buscando referências para construir identidades, referências que não costumam ser levadas em conta pelos professores, que centram o ensino em currículos objetivos e descontextualizados (HERNÁNDEZ, 2007).

Segundo Hernández, os estudos culturais propõem a produção de uma nova e original sabedoria a partir da recuperação dos códigos culturais – uma maneira de possibilitar a aproximação entre a atual sociedade e a realidade das crianças e dos adolescentes, nas propostas educacionais. O trabalho de mediação cultural pode criar um vínculo de afetações entre a comunidade, o patrimônio, a tradição e as identidades, característi-

cas de culturas singulares. As experiências que temos com a arte e a cultura podem proporcionar compreensão mais significativa do mundo, pois “diante do turbilhão de informações efêmeras, fragmentadas e aceleradas, o homem moderno vê-se incapaz de incorporar à sua memória as impressões do vivido” (CARVALHO, 2005: 126).

Atualmente a leitura de imagens é proposta corrente nas escolas; esse tipo de leitura proporciona sentimentos e significados, e compreensão e interpretação à parte. A ação é estabelecida quando as imagens são interpretadas e significadas com bases de interação e conhecimento do contexto cultural. “Para isso não basta expor o aluno a um mundo de imagens, é preciso que, através de sua ação, ele componha e decomponha as imagens para apropriar-se delas” (PILLAR e VIEIRA, 1992: 10). O conhecimento da arte na mediação cultural possibilita criar ações que ampliam a “leitura e a compreensão do mundo e da cultura” (PANOFSKY apud MARTINS, 2005: 17). Trata-se de aprendizado que proporciona a apropriação de novos saberes, abrindo espaços para a experiência estética e favorecendo novas significações. A experiência “se acumula e se prolonga, vai além do próprio tempo” (CARVALHO, 2005: 126).

De acordo com Martins e Picosque (2006: 5), é preciso “mediar o encontro da criança com a arte, de forma lúdica e significativa, levando em conta os aspectos socio-culturais e a história de vida de cada uma delas, atrelada à história da humanidade”. No momento da interação/apreciação, a participação do indivíduo deve ser integral, para que ocorra a experiência estética significativa – “a relação sensível com o mundo, uma postura diante das coisas, um momento em que nos encontramos em presença de algo que provoca emoção, imaginação, cognição, presencialidade” (MARTINS, 2005: 16). Organização que possibilite aos educandos ampliar suas reflexões e imaginação torna-os indivíduos críticos construtivos. Aprendizado e desenvolvimento “por meio do estudo da arte são formas de deliberação que podem preparar as fundações para uma liberdade cultural e uma ação social” (EFLAND, 2005: 187).

O mediador pode agir, conforme Martins (2007), transcendendo os sentidos imediatos, possibilitando acessos ao público, promovendo encontros e priorizando a interpretação e compreensão das imagens/mensagens, através de experiências vivenciadas.

A mediação cultural, portanto, permite construir novas significações através da sensibilização, apreciação e crítica. Os conteúdos da arte podem ser associados aos temas sociais, culturais e outros, na educação, pois a “arte é um poderoso e significativo meio de comunicação na sociedade contemporânea” (OTT, 1997: 112) e pode constituir ação educacional que prioriza a liberdade individual, pois possibilita a análise, a compreensão, a interpretação e o restabelecimento de referências dos códigos culturais da sociedade pós-moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessas reflexões, percebe-se a necessidade de uma proposta pedagógica que amplie o repertório cultural de crianças e adolescentes, por meio da construção de conhecimentos acerca do sentido e/ou significado dos conhecimentos (e da rela-

ção entre eles), o que a maior parte do sistema educacional não percebe como integrante e imprescindível para a interpretação da diversidade cultural que está ocorrendo e das imagens/mensagens que as mídias contemporâneas estão a todo momento produzindo e repassando, como novos códigos visuais.

Estamos a todo instante interagindo com o meio em que vivemos através do que vemos e percebemos em inesgotável intercâmbio de sentidos e significados. Algumas lacunas na educação existem e devem ser preenchidas, pois a informação é massificada, por intermédio da mídia; interação na pós-modernidade é termo restrito às horas de lazer (internet, jogos, TV fechada e aberta), estando a escola sempre à margem do que ocorre no contexto infanto-juvenil.

Há necessidade de trabalhos com mais intercâmbio com o meio social do aluno e com sua realidade, para a produção de sentido e significado, gerando mudanças de atitudes e priorizando valores positivos, contribuindo para a construção do conhecimento e aumentando seu repertório cultural e sensível. O mediador cultural facilita essa compreensão, pois estabelece empatia com o observador em relação às diferentes formas de utilização das imagens e seus reais significados, que os meios de comunicação reproduzem, de maneira interativa ou não.

O mediador pode sugerir ao público/espectador ações interdisciplinares em arte, em história, em cultura, em estética e em educação, associando valores presentes nas sociedades atuais e passadas – enfim, proporcionar uma aprendizagem colaborativa e de significado real entre imagem/público, mediador/professores e outros; uma educação sensível que desenvolva a autonomia, a sensibilidade e, conseqüentemente, um olhar mais apurado sobre o contexto sociocultural em que vivemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Garcia. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARVALHO, M. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. In LEITE; OSTETTO (orgs.). *Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papyrus, 2005.
- DENZIN, N.; LINCOLN, J. O planejamento da pesquisa qualitativa. In FROW e MORRIS. *Estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EFLAND, Arthur. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. In GUINSBURG e BARBOSA. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FAVARETTO, Celso. Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público. In MARTINS, SCHULTZE e EGAS (orgs.). *Mediando [con]tatos com arte e cultura*. São Paulo: Unesp/Instituto de Artes. 2007.
- FORQUIN, Jean-Claude. A educação artística: para quê? In PORCHER. *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1986.
- FROMM, Erich. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HERNÁNDEZ, Fernando. *Estudos culturais e sua emergência na educação*. Disponível em: <http://ead.ucs.br/orientador/turmaa/acervo/webe/webd/file.2007-02-10.8512298032.doc>. Acesso em 05 jan. 2009.
- MARTINS, Mirian. Expedições instigantes. In MARTINS, M. C. (org.). *Mediação: provocações estéticas*. São Paulo: Unesp/Instituto de Artes. 2005.
- \_\_\_\_\_. [Con]tatos com mediação cultural: um ciclo de conversações no Sesc Pinheiro/SP. In MARTINS, SCHULTZE e EGAS (orgs.). *Mediando [con]tatos com arte e cultura*. São Paulo: Unesp/Instituto de Artes. 2007.
- MARTINS, Mirian; PICOSQUE, Gisa. *Museu, educação e o lúdico* (DVD e livro-texto). São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.
- OTT, Robert. Ensinando crítica nos museus. In BARBOSA. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez: 1997.
- PILLAR, Analice; VIEIRA, Denise. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: UFRGS/Fundação lochpe, 1992.
- SOUZA, A.; DEPRESBITERIS, L; MACHADO, O. *A mediação como princípio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein*. São Paulo: Senac-SP, 2004.
- 

**Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira** é mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille. Especialista em Metodologia do Ensino da Arte e professora de desenho e pintura da Casa da Cultura (Fundação Cultural de Joinville), Santa Catarina.

**Silvia Sell Duarte Pillotto** é professora do mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade e do curso de Artes Visuais; coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (Nupae) da Universidade da Região de Joinville (Univille) e coordenadora da Casa da Cultura (Fundação Cultural de Joinville), Santa Catarina.

